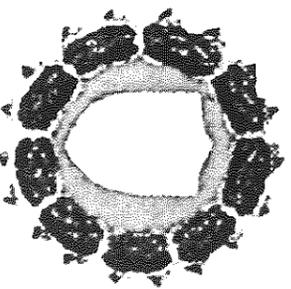


ALDRAVA LETRAS E ARTES
 JORNAL ALDRAVA CULTURAL
 Utilidade Pública Municipal
 Lei nº 022/90 - 26/03/2009

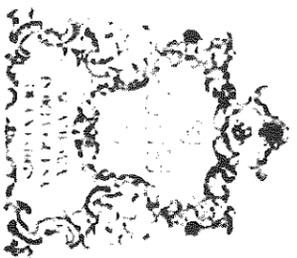
ANO XII // Nº. 100 // DEZ. / 2012 // MARÇO / 2013
 MARIANA - MINAS GERAIS / BRASIL

Qualis CAPES - C

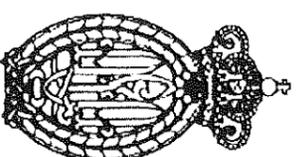
Journal
aldrava
 cultural
 ISSN 1519-9665



ACADEMIA INTERNACIONAL
 DE HERÁLDICA



ACADEMIA PORTUGUESA
 DE EX-LIBRIS



ACADEMIA DE LETRAS
 E ARTES (PORTUGAL)

2013 - Ano do Brasil em Portugal Semana de Arte Aldravista em Portugal

{ Período: 06 a 12 de abril de 2013 }

A Semana de Arte Aldravista em Portugal tem o objetivo de lançar, divulgar e promover a nova forma de poesia criada pelo grupo de poetas brasileiros – a Aldravia, através de “O Livro das Aldravias”, antologia que reúne 51 autores representantes de diversas regiões brasileiras, de Portugal e da França, a ser realizada no período de 06 a 12 de abril de 2013, Ano do Brasil em Portugal, no Salão Nobre da sede da Academia Portuguesa de Ex-Libris (Lisboa), na Academia Internacional de Heráldica de Portugal (Lisboa), na Academia de Letras e Artes (Cascais), na Câmara do Funchal e no Centro Cultural John dos Passos (Ilha da Madeira). Os escritores convidados participarão de conferências, debates e saraus sobre a nova forma de poesia brasileira, além de receberem homenagens da Academia Internacional de Heráldica de Portugal e da Câmara do Funchal. //



John dos Passos

Charming Hotels

GOVERNO
 DE MINAS
 CULTURA

Pizzaria e Lanchonete Dom Silvério - Forno à Lenha //
⇨ RUA SALOMÃO IBRAHIM DA SILVA, 78, CENTRO-MARIANA-MG / Fone: 10311-3557-2475

Semana de Arte Aldravista em Portugal

{ Período: 06 a 12 de abril de 2013 }

A divulgação e o lançamento da antologia: – *O LIVRO DAS ALDRAVIAS* – nova forma/nova poesia, de escritores brasileiros, promoverá o conhecimento de práticas e expressões criativas literárias realizadas por grupo artístico, com o objetivo de difundir e preservar a memória cultural brasileira no Ano do Brasil em Portugal.

Importância do evento e sua contribuição cultural:

■ Os participantes convidados da antologia discutirão com os acadêmicos portugueses sobre a nova forma poética criada por escritores brasileiros; sobre o processo de edição, publicação e lançamento de livros financiados pelos próprios autores do livro.

■ O espaço proporcionado para apresentação de produção poética brasileira, em importantes instituições culturais e acadêmicas de Portugal, fortalecerá, também, a identidade da cultura brasileira; o espaço para propagar e divulgar as aldravias criadas pelos poetas brasileiros, da antologia “O Livro das Aldravias”, possibilitando o conhecimento de uma nova identidade literária, genuinamente brasileira.

Contribuição cultural: – Adesão de escritores portugueses à nova forma poética. Divulgação e promoção da Literatura Brasileira no Ano do Brasil em Portugal. Intercâmbio cultural com membros das academias portuguesas: Academia de Letras e Artes (Cascais), Academia Internacional de Heráldica de Portugal, Academia de Ex-Libris; estudantes de universidades e promotores culturais de Portugal.

Instituições organizadoras do evento:

(PORTUGUESAS)

- Academia de Letras e Artes (ALA)
- Academia Internacional de Heráldica de Portugal
- Academia Portuguesa de Ex-Libris
- Câmara Municipal do Funchal

Instituições parceiras do evento:

(BRASILEIRAS)

- Aldrava Letras e Artes
- Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil – ALACIB
- Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais – InBrasCI

Relevância da atividade a ser realizada ou desenvolvida para a área cultural:

Arte: Literatura: Conhecimento de práticas e expressões criativas literárias realizadas por grupo artístico, difundindo e preservando a memória cultural brasileira no Ano do Brasil em Portugal. Intercâmbio cultural com membros das academias portuguesas: Academia de Letras e Artes (Cascais), Academia Internacional de Heráldica de Portugal, Academia de Ex-Libris; estudantes de universidades e promotores culturais de Portugal.

PROGRAMAÇÃO:

- Lançamento de “O LIVRO DAS ALDRAVIAS – nova forma/nova poesia” – Lisboa: Nova Poesia Brasileira: de 6 a 10 Abril de 2013.
 - 1ª Bienal do Mediterrâneo do InBrasCI-MG – 09 de abril a 30 de junho de 2013.
 - Ilha da Madeira – Câmara do Funchal e Centro Cultural John dos Passos: de 11 a 12 de abril de 2013.
- PROGRAMAÇÃO / DATAS:

■ **Dia 06 de abril:** Sarau Literário e Cerimônia de Entrega de Diplomas da Tertúlia Rafael Bordalo Pinheiro. Membro Correspondente da ALACIB à Doutora Ana Cristina Martins, Grande Mérito Cultural 2013 - Aldrava Letras e Artes. Medalha 100 anos Jorge Amado do InBrasCI (Doutora Ana Cristina Martins e Doutor Vítor Escudero) ■ **Dia 07 de abril:** Tertúlia Poética entre Poetas Aldravistas Luso-Brasileiros. Entrega de Diplomas da Academia Internacional de Heráldica (Portugal) e Homenagem aos Poetas Aldravistas Brasileiros. Salão Nobre dos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

■ **Dia 08 de abril:** Conferência com poetas fundadores do Movimento Aldravista - Colóquio com os Alunos. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. // Cerimônia Acadêmica no Salão Nobre da Academia Portuguesa de Ex-Libris - Inauguração da Exposição: “O Esplendor do Ex-Libris Brasileiro, nas Coleções Portuguesas”. /// Lançamento de “O Livro das Aldravias - Nova forma-nova poesia” - /// Lançamento do Livro “O Pão Nosso” - Aldravias Portuguesas de Vítor Escudero.

■ **De 09 de abril a 30 de junho de 2013:** 1ª Bienal do Mediterrâneo do InBrasCI-MG- Exposição Internacional de Arte Contemporânea e Literatura em Portugal - Convento dos Cardeais: 09 a 20 de abril. Galeria Municipal de Mourão: 27 de abril a 27 de maio. Espaço Cultural de Campino: 01 a 30 de junho. Coordenação Geral (Diretora do InBrasCI-MG): Nilze Monteiro. //

■ **De 09 de abril:** 19:00: Cerimônia Acadêmica no Salão Nobre da Academia de Letras e Artes - Cascais: Colóquio/Mesa Redonda: Poesia Contemporânea Brasileira- Entrega da Medalha de Membro Correspondente da ALACIB à escritora Celeste Cortez. Entrega da Medalha de Grande Mérito Cultural 2013 da Aldrava Letras e Artes. Lição Magistral de Sapiência pelo Presidente da ALA, Professor Doutor António de Sousa Lara.

■ **Dia 11 e 12: Ilha da Madeira** - Câmara Municipal do Funchal e Centro Cultural John dos Passos – Ilha da Madeira. Palestras. Entrega das Medalhas: Jorge Amado (InBrasCI), Mérito Cultural da ALACIB e da Aldrava Letras e Artes.//



u@info
SERVIÇO DE
ASSISTÊNCIA

Computadores, acessórios, manutenção e rede.
Av. Cristóvão Branco, 180-A - Centro - Santa Bárbara/MG.

Fone: 0-31-3832-1082



u@info
SERVIÇO DE
ASSISTÊNCIA

TRANSAMÉRICA FM 92,5
(031) 3832-2300 ou (31) 3832-1082
SANTA BÁRBARA / MINAS GERAIS

TRANSAMÉRICA FM 92,5



TRAJETÓRIA ALDRAVISTA

J. B. Donadon-legal

jbdonadon@hotmail.com

Tudo nasce de um sonho – bater os rejeitos deitados no leito do Ribeirão do Carmo, no centro de Mariana, misturados aos esgotos que descem sufocando essas águas de mortas alegrias. Talvez de lá saíssem faíscas de ouro. Diziam ser mais uma vã tentativa. Diziam ser mais uma estupefaz, dessas de arriscar a saúde, pondo pés em águas contaminadas, na esperança de encontrar alguma riqueza que podia não estar lá, uma espécie de Sabarabiquê, eldorado jamais alcançado. Diziam da insubordinação de poetas, tentando ressuscitar um milênio que morria marcado pelas profecias apocalípticas de fim da poesia, de fim dos tempos. Tempo e espaço para a criação não havia mais – a poesia estava morta! Mas, nasceria outro milênio com a responsabilidade de ser portal de esperança, para uma humanidade acomodada na reprodução de fazeres pela garantia da sobrevivência. Que esperar dessa desesperança? Os poetas insanos entraram a última década do século XX ainda na onda *fanzine*, legado dos marginais de alguns anos antes e saíram dela com bilhetes de embarque em uma nave que os levaria a estações da nova poesia. Era preciso criar alguma coisa. Era preciso avançar. Era preciso ousar. Mas, ser ousado não é bradar nem grafar palavras; é propor coragem onde o medo impera, é desafiar a ordem calcificada na tradição e no comodismo. Bateia não havia mais, mas as velhas aldravas penduradas nas portas silenciosas esperavam por mãos desejosas de portas abertas... Que se libertem os poetas de seus cárceres privados! Que os olhos voltados para o chão de seixos irregulares e escorregadios fitem horizontes distantes – gritavam os poetas de Mariana ninando o bebê *Journal Aldrava Litero-Cultural* (alter-nativo) que acabava de nascer como arauto do século XXI, naquele novembro de 2000. O jeito Tomé de ser mineiro não apostava na sobrevivência do neonato sem *pedregreia*. Mas, como é boa a sensação de inaugurar linhagem! Do mezanino do Café Dois Mil na Praça da Sé de Mariana, do ateliê do Camaleão na subida do São Francisco e do porão do Minas Bar na Rua Direita emanavam ideias de inovação na poesia para o século XXI. Eram os poetas aldravistas que já se faziam identificar pelas ruas de Mariana. O objetivo, no entanto, era o horizonte, era levar a poesia para o mundo, contrariando a ordem da cultura nacional de importação artística. Se todos os demais movimentos artísticos foram buscar no exterior um modelo a ser aplicado aqui, o aldravismo nascia com a proposta de criar

uma forma genuinamente nacional de arte, sem o estigma da cópia ou da adaptação. Para isso, foi estabelecendo diálogos com outros grupos organizados de escritores – o Clube de Escritores de Ipatinga, a União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro e de São Paulo, o Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais, Clubes Literários e Academias de Letras de Barbacena, Ponte Nova, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Petrópolis, Maceió, Brasília, Lisboa – Portugal, Funchal – Ilha da Madeira, Granada – Espana, Paris – França e IWA nos Estados Unidos. Os poetas aldravistas, marcados pela independência e pela liberdade criadora, reuniam-se em busca de ideias que pudessem consolidar o Aldravismo como movimento artístico. Dois conceitos basilares foram explorados: o da metonímia como figura fundamental da arte aldravista, em que os indícios e a incompletude sejam características das produções que compreendem um segundo conceito, o do sujeito discursivo, a partir do qual o leitor passa a ser considerado participante da construção de sentido que é sugerido na obra aldravista. Aos três anos de idade o então *Journal Aldrava Cultural* deixa de ser um veio alternativo para ser a voz autorizada de um movimento sólido de produção artística. A ousadia de manifestos de Gabriel Bicalho e meus pela autonomia do artista e de sua produção construiu a história de uma caminhada para a demonstração de que é possível não só ressuscitar a poesia, mas também de instrumentalizá-la com uma forma que não fosse cópia de modelos já carcomidos pelo tempo. A maneira de Fernando Pessoa, performances distintas constroem a heterogênea Andreia Donadon Leal, escritora, e Deia Leal, artista visual. Sua contribuição parte da exemplificação do conceito de sujeito discursivo, polifônico e metonímico, pois se constitui em porções de algo, numa incompletude de um todo que jamais se mostra por inteiro, mas que faz a suficiência para a instauração dos sentidos necessários à continuidade da vida social e cultural, sem imposições. Consolidam-se as artes aldravistas, literárias e visuais, e as artes brasileiras passam a singrar mares nunca navegados. Todas as formas consolidadas são experimentadas: o haicai, a trova, o soneto, o rondó, a lira, o verso branco, o concreto, o praxix. Provada a competência nas formas canônicas, chega a hora de inovar de apresentar algo absolutamente novo, não uma maquiagem nas velhas formas, mas uma ousada forma inédita. A descrença dessa possibilidade está estampada em todos os olhares. A academia não cre na possibilidade de construção nova no campo da forma. Nossa tradição cultural é a da inovação discursiva, ou seja,

na substância, especialmente na constituição da chamada identidade nacional embaladas em embrulhos estrangeiros. Ousamos construir embalagem. Na arte visual, Deia Leal propõe a abolição plena do traço, obtendo a formulação de conceitos icônicos não só sem figuração, mas sem a apresentação de qualquer traço indicador de desenho que venha a projetar alguma imitação possível de contorno de imagens. É a arte aldravista como embalagem e não apenas como variação de embalagens de outras grifes. Sem traços, a arte aldravista consolidada a ideia icônica, exclusivamente conceitual que emerge de manchas, referenciada por uma titulação que sugere indicação de caminhos a possíveis leituras. Na poesia, a Aldrava vem coroar o esforço do grupo de poetas aldravistas de encontrar uma embalagem nova para a palavra poética, mostrando que era falsa a assertiva apocalíptica de que a poesia estava num beco sem saída. Não eram loucos os poetas de Mariana, eram sonhadores, e tinham a capacidade de fazer sonhos se realizarem. A arte e a poesia aldravista conquistaram credibilidade. A história aldravista virou dissertação de mestrado na Universidade Federal de Viçosa. A arte aldravista conquistou prêmios internacionais e percorreu países de todos os continentes, inclusive com uma obra exposta em dezembro de 2010 no Museu do Louvre, em Paris. A literatura aldravista conquistou prêmios nacionais e internacionais, destacando-se o Prêmio Literatura para Todos, Prêmios da UBF-RJ, do Cataratas e do FEMUP. São 13 anos de produção original. Os aldravistas buscaram não reproduzir a cultura tecnológica nacional, de fabricação em linhas de montagem de produtos projetados no exterior. Num país em que não há a necessidade de produzir teses para obter doutoramento, mas a redação de um texto tecnológico, de aplicação de uma tese estrangeira, nós ousamos produzir uma tese literária – a da literatura metonímica: ousamos produzir uma forma de poesia – a Aldrava, que não é modificação de formas canonizadas, como se faz por aí com as variações nacionais do haicai. O ônus da ousadia é a dificuldade de encontrar eco na sociedade. O novo assusta. O novo gera desconfiança, exige a movimentação para fora da zona de conforto a que nos habituamos como povo eternamente deitado no berço esplêndido da tecnologia. Todo tecnólogo paga *royalties* (monetários ou éticos) ao pensador que chegou ao modelo teórico, a partir do qual a montagem, a tecnologia se fez possível. Nossa contribuição à cultura literária mundial já está disponível, mas nós ainda temos fôlego para desbravar novos horizontes no reflexo prateado de luz solar que fatisca das ondas leves das águas barrentas do ribeirão morto aos peixes. A poesia da morte requer sua antítese – a vida possível nas mortas alegrias sempre a sonhar, sempre a sonhar! //



Dra. ANA MÁRCIA M. S. ARAÚJO
CRMG-33939
Rua Frei Durão, nº 176 - Centro/Mariana-MG

Telefone:
1311 3557-1415



VIAS / ALDRAVIAS



José Luiz Bourreaux de S. Júnior
(Belo Horizonte/MG)

velocidade
de
leopardos
no
espaço
aberto

Elisa Flores
(Rio de Janeiro/RJ)

olhos
debruçados
molham
rios
que
transbordam

Marzo Sette Torres
(Belo Horizonte/MG)

poesia
concisa
sintética
precisa
melódica
havia

Luiz Gondim
(Rio de Janeiro/RJ)

incorporo
emoções
onde
debruço
meus
cansaços

Helena Luna
(Fortaleza/CE)

aldravia
alegria
do
meu
cantar
matinal

Carmen Escobedo Ibor
(Madri/Espanha)

el
otoño
correø
mis
vísceras
angustiadas

Cida Pinho
(Mesquita/MG)

prepotência
mania
de
grandeza
é
fogo-fátuo

Izabel Eri Camargo
(Porto Alegre/RS)

alecrim
tempera
paladar
com
olfato
perfumado

Aleione Sortica
(Porto Alegre/RS)

abençoada
mão
jogando
sementes
no
chão

Elvandro Buritzy
(Rio de Janeiro/RJ)

nas
inundações
rios
alteram
seus
feitos

Ilda Brasil
(Porto Alegre/RS)

vínculos
nas
entrelinhas
norteiam
a
realidade

Auxiliadora de Carvalho e Lago
(Belo Horizonte/MG)

pôr-de-sol
na
serra
aquarela
na
terra



MC festas & eventos
Ofereça o que há de melhor para seus convidados / MARIANA/MG.

TRABALHAMOS COM FESTAS EM GERAL
 ⇒ 3557-1883
 ⇒ 8841-1883
 ⇒ 8757-1883



VIAS / ALDRAVIAS



<p><i>Celina de Figueiredo Lage</i> (Belo Horizonte/MG)</p> <p>vento verde alvissareiro olores de primavera</p>	<p><i>Odone Antônio Silveira Neves</i> (Porto Alegre/RS)</p> <p>uma antiga paineira florida passou-me detalhes</p>	<p><i>J.S.Ferreira</i> (Mariana/MG)</p> <p>baú aberto memória passada a limpo</p>
<p><i>Luiz Carlos Abritta</i> (Belo Horizonte/MG)</p> <p>Se tenho VOZ saúdo o silêncio</p>	<p><i>Carlos Benítez</i> (Málaga/España)</p> <p>cores llovía pétalos mi en mundo</p>	<p><i>José de Castro</i> (Natal/RN)</p> <p>pouco sei das infinitudes de mim</p>
<p><i>Maria Beatriz Del Peloso Ramos</i> (Mareá/RJ)</p> <p>poesia sina verde que amadurece constrita</p>	<p><i>Begoña Montes Zofiño</i> (Madrid/España)</p> <p>seda hilo que roza como piel</p>	<p><i>Miguel Barbosa</i> (Lisboa/Portugal)</p> <p>alaude catedral música submersa nasci gerúndio</p>
<p><i>Miriam Stella Blonski</i> (São Gonçalo do Rio Abaixo/MG)</p> <p>palavras inúteis tragos de mim mesma</p>	<p><i>Vítor Manuel Escudero de Campos</i> (Lisboa/Portugal)</p> <p>onde te perdes? nas terras verdes!</p>	<p><i>Luiz Poeta</i> (Rio de Janeiro, RJ)</p> <p>chorei minha lágrima riu de mim!</p>


Eletropolly Ltda.

Fone: (31) 3557-2787

Rua 16 de Julho, 334 - Centro - Mariana/MG


Eletropolly Ltda.

Fone: (31) 3557-2787

Rua 16 de Julho, 334 - Centro - Mariana/MG


Eletropolly Ltda.

Fone: (31) 3557-2787

Rua 16 de Julho, 334 - Centro - Mariana/MG

O NOME DA ROSA DE UMBERTO ECO

Andrea Ap. Silva Donadon Leal

Mostrre em Literatura (Cultura e Sociedade) UFV

Sabemos pela história, que a Idade Média foi um período marcado pela restrição da liberdade de conhecimento, de pensamento e de circulação de novas ideias, período também conhecido como “época das trevas”, ou seja, oposto às luzes ou ao Iluminismo, que segundo pensamento Kantiano, “é a libertação do homem de sua culpável incapacidade. A incapacidade significava a impossibilidade de servir-se de sua inteligência sem o direcionamento do outro” ...

(KANT, 2004:25)

A Idade Média foi um período contrário à razão, destinado à fase de inúmeras barbáries e de trevas; ou seja, um mundo dominado pelo pensamento dogmático e repressor da Igreja Católica.

Ora, se no Iluminismo, a incapacidade é vista como falta de inteligência de si mesmo, pensar e raciocinar, duvidar, questionar e pesquisar; o saber na Idade Média como dependente do outro, especialmente da Igreja Católica, instituição que tinha o saber, a ordem, a regra, a disciplina, o controle e o poder divino, formas rígidas e absolutistas de organização social.

A obra O Nome da Rosa, de Umberto Eco, dialoga perfeitamente com esses elementos formadores da cultura moderna, período de transição da Idade Média para a Modernidade; a ordem estabelecida penaliza a miséria humana e faz vistas grossas aos desmandos dos poderosos: mulheres se vendem aos monges em troca de comida; a procura pela cura torna-se ação herética, a reação contra os desmandos do poder é reprimida; enfim, O Nome da Rosa narra período sangrento da história da humanidade.

Para uma leitura dessa narrativa cabe aludir aos conceitos de mito de Barthes (1993) e Lévi-Strauss (1981), ambos convergentes para a questão da ocultação, como forma de se criarem certezas que garantem “normalidade” nas ações, como se fossem naturais,

para garantir a permanência dos es-
tados das coisas.

Percebe-se pela narrativa que um dos hábitos mais comuns nos mosteiros na Idade Média era apagar obras escritas em pergaminhos e escrever sobre eles, outros textos. Estas obras escritas eram também conhecidas como palimpsestos, cujo espaço adulterado era sobrescrito por orações ou rituais litúrgicos.

O pensamento dominante da Igreja Católica queria continuar no poder, impedindo que o conhecimento fosse acessível, a não ser, obviamente, pelos seus “escolhidos”. O diálogo de Guilherme com o velho bibliotecário guarda dos livros, Jorge de Burgos, exemplifica que o conhecimento sobre determinadas obras era restrito:

[...] Quero ver o livro que roubaste lá, após tê-lo lido, porque não querias que outros o lessem, e que escondeste aqui, protegendo-o de modo perspicaz, e que não destruíste porque um homem como tu não destrói um livro, mas apenas o guarda e cuida para que ninguém o toque. Quero ver o segundo livro da Poética de Aristóteles, aquele que todos consideravam perdido ou nunca escrito, e do qual tu guardas talvez a última cópia.

(ECO, 1983:324)

O Nome da Rosa busca a explicação e a solução do mistério, através dos personagens franciscanos, Guilherme de Bascerville e de seu auxiliar, Adso, que em um mosteiro na Idade Média, investigam o assassinato brutal de sete monges, em sete dias e noites, número considerado cabalístico.

A multiplicidade de significação do número sete na Bíblia, ou na superstição, mostra que é um chamar contundente à consciência para algum fato ou acontecimento, sejam eles positivos ou negativos. O sete, para algumas pessoas é número positivo, sendo relacionado com a “escolha divina”, que fez Deus criar o mundo em seis dias e descansar no sétimo.

Sete também são as Linhas de cada Nação, sete são os dias da semana, sete foram as Chagas de Cristo, sete são os palmos da sepultura e sete são as Trom-

betas do Apocalipse. Mas há ainda, inúmeros exemplos, em histórias ou eventos relatados pela própria Bíblia ou em outros livros (como em O Nome da Rosa), em que o número sete é ainda “sinal” de mau agouro ou de mudanças bruscas de comportamento. Por exemplo:

Sete nações foram destruídas por Israel até que se estabeleceu definitivamente na Terra Prometida.

(ATOS, 13:19)

Sete dias era o prazo para a purificação do templo.

(ATOS, 21:27)

Jesus disse que quando Satanás saiu do coração do homem, e os frutos do Espírito não o povoa, ele volta e traz sete espíritos piores.

(MATEUS, 12:45)

Sete nações foram destruídas por Israel até que se estabeleceu definitivamente na Terra Prometida.

(ATOS, 13:19)

Sete pessoas foram as únicas que se salvaram juntamente com Noé, das águas do dilúvio.

(PEDRO, 2:5)

João viu na mão de Deus um livro selado com sete selos. Somente Jesus podia abrir aqueles sete selos.

(APOCALIPSE, 5:1 e 5)

Sete mil homens morreriam através de um terremoto...

(APOCALIPSE, 11: 13)

A chegada do monge incumbido de investigar as sete mortes mostrará o motivo dos crimes, resultando também na instalação do tribunal da Santa Inquisição.

As mortes são explicadas, após leitura de livros proibidos pelos sete monges assassinaados, em que eles sempre apareciam com os dedos e a língua roxos. Há uma biblioteca labiríntica (em forma de uma rosa, com múltiplas hastes) escondida no mosteiro, a maior do mundo cristão e nela, um único exemplar da Comédia de Aristóteles.

Cabe aqui se aventar a possível de Eco testar a validade do conceito de mito de Barthes:

O mito não nega as coisas; a sua função é, pelo contrário, falar delas; simplesmente, purificando-as, inocentando-as, fundamentando-as em natureza e em eternidade, dá-lhes uma clareza, não de explicação, mas de constatação: se constatato a

**CONTINUA
NA PÁGINA 07...**



CONSULTÓRIO ODONTOLÓGICO ⇨ FONE: 3557-1130 ⇨ ⇨ ⇨
DRAS. ELIANE E REANE BRANDÃO // RUA ZIZINHA GAMBELLO, 06 // Sala - 04 = MARIANA/MG.

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 06

imperialidade francesa sem explicá-la, pouco falta para que a ache normal, decorrente da natureza das coisas: fico tranqüilo.

(BARTHES, 1993: 163)

Guilherme de Basecerville busca mostrar o que é ocultado, escondido; o silêncio e a negação das coisas já se faziam “normais” entre os beneditinos.

A biblioteca é secreta, pois nela há obras que não estão devidamente interpretadas no contexto do cristianismo medieval. Ou que contém sabedoria diferente da deles, cujas ideias colocariam em dúvida a inefabilidade de “Deus”.

O acesso à biblioteca do convento beneditino é restrito, porque há ali um saber que é ainda estritamente pagão (especialmente os textos de Aristóteles), e que poderia ameaçar a doutrina cristã.

Como diz ao final Jorge de Burgos, o velho bibliotecário, acerca do texto de Aristóteles – a comédia pode fazer com que as pessoas percam o temor a Deus e, portanto, faz desmoronar todo esse mundo, ou no diálogo entre Guilherme e Jorge sobre o riso:

“Mas o que te assustou nesse discurso sobre o riso? Não eliminas o riso eliminando o livro”.

“Claro que não. O riso é a fraqueza, a corrupção, a insipidez de nossa carne. É o folgado para o camponês, a licença para o embriagado, mesmo a igreja em sua sabedoria concedeu o momento da festa, do carnaval, da feira, essa ejaculação diurna que descarrega os humores e retém de outros desejos e de outras ambições.. Mas desse modo o riso permanece coisa vil, defesa para os simples, mistério dessacralizado para a plebe”.

[...]
 “Mas aqui, aqui...” Jorge batia agora o dedo em cima da mesa, perto do livro que Guilherme tinha diante de si, “aqui a função do riso é invertida, elevada à arte, abrem-se-lhe as portas do mundo dos doutos. Faz-se dele objeto de filosofia, e da pérfida teologia...” [...]

[...] “O riso libera o alceão do medo do diabo, porque na festa dos tolos também o diabo aparece pobre e tolo, portanto controlável. Mas este livro poderia ensinar que libertar-se do medo do diabo é a sabedoria”.

[...] “O riso distrai, por alguns ins-

tantes, o alceão do medo. Mas a lei é imposta pelo medo, cujo nome verdadeiro é temor a Deus. E deste livro poderia partir a fagulha luciferina que atearia no mundo inteiro um novo incêndio: e o riso seria designado como arte nova, desconhecida até de Prometeu, para anular o medo. Para o alceão depois, acaba sua licença, e a liturgia impõe-lhe de novo, de acordo com o desígnio divino, o medo da morte. E deste livro poderia nascer a nova e destrutiva aspiração a destruir a morte através da libertação do medo. E o que seremos nós, criaturas pecadoras, sem o medo, talvez o mais benéfico e afetuoso dos dons divinos”? [...]

(ECO, 1983:532-533)

Há uma defesa latente na obra *O Nome da Rosa* (expressão usada na *Idade Média*, cuja significação pode ser também relacionada com o poder infinito das palavras), pela comédia, pela diversão, pelo cômico, pelas expressões de liberdade de pensamento do ser humano, capaz de resistir, com ironia, ao próprio medo imputado pela igreja. Eis, explicitamente, a questão da construção do mito, uma vez que é no poder das palavras que ele se faz; porém, para que ele se constitua, é preciso que o proibido seja revelado.

Assim, é possível traduzir para uma visão contemporânea a pergunta fundamental de Lévi-Strauss: “que ‘significação’ têm as histórias recolhidas?”

LÉVI-STRAUSS, 1981:55)

Quanto mais Guilherme de Basecerville descobre respostas para a pergunta de Lévi-Strauss, mais se convence de que sem leitura e sem acesso aos arquivos é possível assegurar as certezas emanadas da doutrinação cristã e sua continuidade. E o desvendamento da conceitualização de mito de Lévi-Strauss:

Não ando longe de pensar que, nas nossas sociedades, a História substitui a Mitologia e desempenha a mesma função, já que para as sociedades sem escrita e sem arquivos a Mitologia tem por finalidade assegurar, com um alto grau de certeza – a certeza completa é obviamente impossível –, que o futuro permanecerá fiel ao presente e ao passado.

(LÉVI-STRAUSS, 1981: 63)

Nada mais emblemático e significativo na obra de Eco, ao colocar uma obra de um filósofo como centro do romance, que acreditava ple-

namente, em um único mundo: o perceptível, o visível, o experimentado; esse único mundo ou exato mundo, nada a mais, nada a menos, nada mais além do que vivemos e vivenciamos aqui e agora, e é somente nesse mundo experimentado e visualizado, que encontraremos as bases sólidas, para empreender investigações filosóficas, que nos levará a pensar; a raciocinar; a escolher; a nos livrar do “medo” impingido pela Igreja, ou pelo “poder divino”, pregado e ensinado pelo medo da morte ou pelo estado permanente e imutável dela; pela obediência acirrada do cristão, que quer “viver no paraíso” ou ter vida eterna no Jardim do Éden. Só é digno da imortalidade quem se subjugar às leis propaladas pela Igreja.

O universo dos livros leva o homem ao conhecimento, à sabedoria, à busca pelo aprimoramento e pela compreensão do mundo, a uma nova realidade, que poderá ser vista sob um novo olhar, um novo prisma, um novo critério, uma nova abordagem, que permitirá mudanças de uma estrutura social rígida, castradora e perversamente cristã. Mas para ver a realidade com um novo olhar, para o pensamento dogmático e repressor da Igreja Católica, significa perder o poder de controle sobre o homem, o que é extremamente perigoso e inaceitável em uma estrutura social rígida, que não aceita/supporta mudanças.

O riso, dessa forma, estaria ligado à libertação do medo. Não o riso em si, mas o conhecimento que ele traz, com o poder de quebrar as certezas solidificadas pela ocultação. A Comédia, causadora do riso, zomba do poder. Naquele período trevoso, qualquer possibilidade de questionamento do poder esbarcaria no poder da Igreja Católica, e o colocaria em cheque. Quem sabe, Eco tenha mostrado com eficácia, em *O Nome da Rosa*, que a Igreja Católica agiu, por muito tempo, como as sociedades primitivas, apostando na ignorância para a perpetuação de suas ideias do passado, numa alusão ao pensamento de Lévi-Strauss, ou da passividade decorrente da “normalidade” gerada pela crença, numa alusão ao pensamento de Barthes. E o medo, naquele período trevoso, foi a forma de a igreja católica controlar o homem, seus passos, suas ações e pensamentos...

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, João Ferreira de. Tradução – Bíblia Sagrada. São Paulo: Edição Revista e Corrigida, 1996.
 BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Bertrand Brasil, 9ª Ed. 1993.
 ECO, Umberto. *O Nome da rosa* – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
 EMMANUEL, Kant. *Filosofia de la historia*. 2ª. ed., México: Fondo de Cultura Económica, 2004.
 LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70, 1981.



TORNEAMENTOS MARIANA LTDA

Rodovia dos Inconfidentes, KM 108 - Bairro São José - MARIANA-MG

Telefones:
(31) 3557-2126
(31) 3557-1783



do arcanjo de asas caídas

gabriel bicvalho / 14-02-2013

1

sou a sétima sinfonia de Lúcifer
na indescritível catedral
das trevas: inaudível sou!

2

sou o precipitado dos céus
pela eterna incongruência
entre demônios e deuses

3

sou o justo
e definitivo desequilíbrio:
o caos no cosmos

4

sou o raio suspenso
na consumação
dos tempos

5

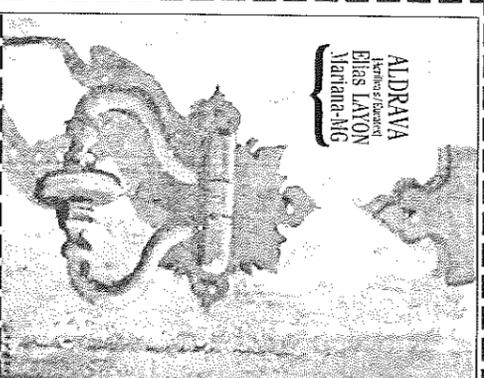
sou um falso profeta
trajado de arcanjo
para vossa salvação

6

consagrado não
sou quem sou:
apenas sou!

7

sou aquele que veio
em nome de outro deus
e falhou!



Leia:

Ponto de Distribuição do
Jornal Aldrava Cultural:
Escritório de Advocacia
Roque Camêllo
Rua Guajataras, 43
Conjunto 104 - Centro
Belo Horizonte - MG
Fone: 3273-9080
(Das 12 horas às 18 horas)

Jornal Aldrava Cultural
[Contatos]

GABRIEL BICALHO
gabicalho@terra.com.br
ANDREIA DONADON LEAL
deidonadon@yahoo.com.br
J. B. DONADON-LEAL
jbdonadon@hotmail.com
J. S. FERREIRA
jsferreira@bol.com.br

ISSN 1519-9665
Expediente:
Jornal Aldrava Cultural

EM CIRCULAÇÃO DESDE
NOVEMBRO DE 2000
E-mail: jornaladrava@bol.com.br
Site: www.jornaladrava.com.br

Editorado por:
ALDRAVA LETRAS E ARTES
CNPJ: 06.932725/0001-34

Presidente:
GABRIEL BICALHO
Vice-Presidente:
J.S. FERREIRA
Secretária:
HEBE ROLA
Diretor de Arte:
CAMALEÃO
Diretora de Projetos:
ANDREIA DONADON LEAL
Conselho Editorial e Fiscal:
J. B. DONADON-LEAL III (Presidente) //
GABRIEL BICALHO
GERALDO REIS
HEBE ROLA
J.S. FERREIRA
JOSÉ LUIZ FOUREAUX DE SOUZA JR.
Tesoureiro:

J.S. FERREIRA
Jornalista Responsável:
THIAGO CALDEIRA DA SILVA
Reg. Profis.: DRT-MG - 13894/MG
Assessor Jurídico:
GERALDO REIS

Assistência Contábil:
SERVICON - Serviços Contábeis
Webmasters:
RODRIGO MAGNO CAMELO REIS
MÁRCIO JOSÉ BARROS

Endereço do Jornal:
CAIXA POSTAL Nº 36
CEP-35.420-000 = MARIANA (MG)

Desenho/Logotipo:
LELIO

Revisões e correções enviadas em artigos,
poemas e colaborações diversas são de inteira
responsabilidade dos respectivos autores.

Desenho: ALDRAVA - José Maech Rodrigues
Impressão: Editora Dom Vicoso - 3567-1233

